



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Boas Práticas

A visão dos artistas

Módulo tronco/ R

Contacto : D Lannoy

Escola: Bélgica, Saint Guibert College in Gembloux
Website : www.collegedegembloux.be



1 Contexto

Muitos artistas usam a exclusão e isolamento como temas de inspiração sob formas artísticas diferentes. Desde Jan Breugheï no século XVI, passando pelo fator Cheval no século XIX e Gaston Chaissac no século XX, descobrimos, dependendo da sua época, a atitude, a opinião que a sociedade adopta em relação às pessoas consideradas como estranhas, inválidas, deformadas, isoladas... cada trabalho é um cartão de identidade do seu tempo no qual cada artista reflete as suas emoções, ideias e mentalidade da sua época. É ao mesmo tempo a expressão dos sentimentos do artista mas também o olhar do seu grupo, o público ou mesmo o nosso olhar hoje, ao enfrentarmos outras realidades como a rejeição, a pobreza, a exclusão.

2 Objectivos.

Ver de forma diferente, de acordo com uma época, um clima social e político descrito pelo artista numa pintura, escultura, arquitetura...

O receio do desconhecido gera atitudes de rejeição, desconfiança, malevolência, ignorância...

Ignoramos, afastamo-nos, classificamos, excluimos...

Privados de quase todos os bens materiais tradicionais, por causa da sua pobreza ou isolamento, estes "marginais" refletem as técnicas que caracterizam o modo como veem os outros mas também como viveram a sua vida de artistas já em si considerada estranha, fora da norma.

Em muitas das suas pinturas, Jean Breugheï oferece uma leitura crítica da sociedade, que ele aborda ao observar e pintar com a preocupação de um cartoonista, do trágico ao irónica.

Pra Ferdinand Cheval, um carteiro no campo, um sonhador, considerado louco, maluco, que levou 30 anos

a construir o seu castelo sem ser pedreiro ou arquiteto, no entanto fez uma construção com pedras recolhidas com paixão à imagem de um mundo ideal que tinha construído para si próprio.

Gaston Chaissac disse acerca de si próprio: “Sem dúvida que a minha alma está muito próxima dos artistas circo que, como eu, mal sabem escrever que só possuem a instrução do que viram”.

Os autores da arte naive, arte Bruta também chamada Marginal pelos ingleses, são normalmente artistas que estiveram em estabelecimentos psiquiátricos, sem serem identificados pelos seus nomes. São normalmente identificados pelo primeiro nome com Aloise, ou alcunhas como o factor cavalo, o viajante francês... o que a imaginação consegue construir...

Fontes:

Breughel the old Views on ED Fabri painting

The Horse Factor in Hauterives in Drôme - Office tourisme Drôme

The world of the arts: Brut art in Lausanne

Gaston Chaissac ED Musées Nationaux France Paris

3 Desenvolvimento da Boa Prática

A. Pieter Brueghel the Elder

A Parábola do Cego é uma pintura em tela de 1568, um ano antes da sua morte. Esta pintura está agora no Museu Capodimonte em Nápoles, Itália.

O título do trabalho refere-se à parábola de Cristo aos Fariseus. São pessoas cegas que conduzem cegos. Mas se um cego conduz um cego, ambos cairão no fosso. (Mt 15:14; Lk 6:39)

De acordo com a tradição medieval, Bruegel escolheu apresentar os cegos como vagabundos vestidos de farrapos e pedintes. A cena, uma mistura subtil de ridículo e receio, torna a queda inevitável pela gradação da representação de movimentos. Enquanto o primeiro cego nesta procissão estranha já caiu, o segundo tropeça, o terceiro irá tropeçar, o quarto parece pressentir o perigo e o último ainda não se apercebeu do que se está a passar. A gradação das posturas físicas é acompanhada por uma gradação de sentimentos visíveis na fisionomia dos rostos com olhos cavernosos. Neste trabalho, a emoção que emerge é menos devida a uma acumulação de detalhes horrorosos do que ao sentimento da fatalidade inevitável que a miséria humana gera.

As descobertas da medicina mostraram que a precisão dos detalhes dos olhos das pessoas cegas indicam precisamente a patologia que afetava os modelos de Bruegel: leucometria, atrofia das órbitas oculares, um glaucoma mal tratado...



B. Ferdinand Cheval dit le Facteur Cheval (1836 -1924)

Ferdinand Cheval nasceu em Charmes, uma pequena aldeia perto de Hauterives, Drôme, em França. Pertencia a uma pequena família de camponeses e começou cedo a trabalhar com o seu pai. Assim, a sua frequência da escola foi muito limitada. Tendo-se tornado aprendiz de padeiro, foi para longe da sua família, mais tarde, para encontrar trabalho, até voltar para a sua aldeia, onde se tornou num factor rural. O seu tempo, século XIX, foi um tempo de grande miséria, quando a fome e a doença causaram grandes males. Foi também o tempo de grandes revoluções em muitas áreas: o fim da monarquia e o início da república, avanços na ciência e medicina, as descobertas de Freud sobre o inconsciente e os sonhos, a revolução industrial, as primeiras exposições universais... uma era abundante contada e ilustrada nas gazetas muito lidas na época e distribuídas por todos os ambientes rurais, às quais se junta o nascimento da fotografia e o aparecimento dos primeiros postais.

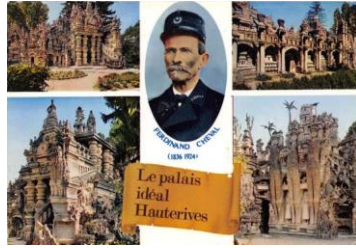
Estas fontes de informação abrirão e alimentarão a imaginação do Fateur Cheval de um modo extraordinário.

“o que fazer quando se caminha eternamente no mesmo cenário, senão pensar. Para distrair os meus pensamentos construo em sonhos um palácio de fadas...

o meu pé tropeçou numa pedra que quase me fez cair: eu queria saber o que era.

No dia seguinte, voltei ao mesmo lugar; encontrei outras ainda mais maravilhosas. Disse para mim: uma vez que a natureza quer fazer uma escultura, eu farei alvenaria e arquitetura.”

Em 1969, o Palácio ideal foi classificado como um monumento histórico por André Malraux, Ministro da Cultura, que considerou ser o único exemplo da arquitetura da arte naive.



C. Gaston Chaissac.

Gaston Chaissac nasceu em Avallon, numa família modesta, filho de um sapateiro e deixou a sua casa muito cedo. Nada parecia dizer que se tornaria um artista, pintor e escritor. Com uma saúde precária, sem diploma, decidiu continuar o ofício do seu pai, apaixonou-se pelo desenho enquanto sonhava tornar-se um escritor.

Afetado pela tuberculose, entre 1938 e 1942, passou por vários sanatórios, e ao mesmo tempo afirmava a sua linguagem estética através de guaches e desenhos que fez durante este período.

Animais. Plantas e seres humanos misturam-se em formas interligadas destacadas por um contorno preto e com cores vivas e contrastantes.

As suas esculturas caracterizam-se por uma diversidade de elementos tais como pedras, fragmentos de rochas, estacas, tábuas de madeira, vassouras usadas, intervindo na pintura com um gesto livre e espontâneo.

Ele também mantém correspondência com Jean DUBUFFET, que está muito perto dele na sua concepção da “Arte Bruta”, de acordo com a noção que consiste em pintar fora de qualquer referência cultural ou artística, em total ruptura com o que tinha sido feito na pintura até então.

“As minhas preferências vão desde o início para a pintura rústica. Pintor da aldeia, eu permaneço fiel a isso. Nós, pessoas rurais de 1946, não temos os preconceitos do passado, evoluímos e podemos sem medo fazer criações das nossas ideias, sem nos importarmos com o que os burgueses e outros pensam. No nosso campo deserto, nada interrompe a meditação necessária antes de uma criação artística, e nós recebemos apenas fracos ecos do que pintamos das prestigiadas cidades. Quanto à vida menos intelectual e mais saudável que é a nossa, isso favorece a incubação das nossas criações. Não tendo necessidade do desenho e da paleta dos outros, esquecendo o universo e trabalhando sem outra preocupação que não seja progredir até à morte, as novidades pertencem-nos, só há uma para agarrar.”



4/ Avaliação da atividade

Procurar um escape na expressão artística, dar força à imaginação, exprimir a diferença são meios para o reconhecimento do valor do artista e para todos os homens.

Como avaliação, pede-se aos alunos para dar uma nota a cada uma das mensagens contidas nos trabalhos apresentados.

5/ Perspectivas

Dar crédito a gestos familiares e associá-los com o prazer de recolher objetos do dia a dia, permitindo sonhar, dando rédea solta a toda a imaginação pessoal sem fazer julgamentos.

É só preciso visitar o Museu de Arte Bruta em Lausanne...